



Ateliê de História

Palavras - chave:

Lugares de Memória. Negros.
Ponta Grossa. Identidades.
Representação.

UMA ANÁLISE SOBRE A ABRANGÊNCIA DA PRESENÇA NEGRA NOS LUGARES DE MEMÓRIA EM PONTA GROSSA

Merylin Ricieli dos Santos ¹

Jamaira Jurich Pillati ²

INTRODUÇÃO

A memória é a arca de todas as coisas e se ela não se tornou a guardiã do que se pensou sobre coisas e palavras, sabemos que todos os outros dotes do orador, por mais excelentes que possam ser, se reduzem a nada. (ALCUÍNO, 1966, p. 50 apud LE GOFF, 1990, p.452)

Resumo: A presente pesquisa foi elaborada com base em uma busca por fontes que tratassem das representações da população negra em três lugares de memória da cidade de Ponta Grossa. O objetivo geral deste trabalho é realizar uma análise sobre o conjunto de fontes que remetem a presença negra na cidade e que se encontram disponíveis na Casa da Memória; Museu Campos Gerais; Fundação Municipal de Cultura. Em relação aos objetivos específicos, busca-se através da visita aos locais de memórias citados, compreender qual é o lugar social da história dos sujeitos negros nos acervos contatados. A pesquisa desenvolveu-se com base nos aportes teóricos de Le Goff (1990), Nora (1993), Pollak (1989), Hall (2007), Silva (2000), Gomes (2005). Sobre os aportes metodológicos, utiliza-se metodologia de pesquisa quantitativa de Minayo; Sanches (1993) e qualitativa Minayo (1994), além da proposta de Ginzburg (1989/1990) acerca do Paradigma Indiciário. Este estudo propõe-se a compreender o quão poucas são as fontes sobre a população negra nos locais visitados e como isso se repercute no processo de construção de identidades negras através do processo de representação estereotipada ou não representação; além de interpretar o processo de não-representação como um indício de exclusão acerca desses sujeitos.

Este trabalho é uma construção analítica embasada em três aspectos: Lugares de memória, sujeitos negros e construção de identidades. É uma pesquisa que se sustenta no ato de elaborar reflexões referentes às representações históricas da população negra que vive em Ponta Grossa, nos locais de memória da cidade.

O trabalho foi organizado após uma procura inicial por fontes que tratassem da história dos negros não apenas na cidade em questão, mas nas regiões próximas, e perceber que há poucos registros acerca da efetiva participação destes cidadãos nos processos de desenvolvimento das cidades. Porém, ao pesquisar mais a fundo, percebe-se que existe uma parcela significativa de moradores que são descendentes de escravizados e que tiveram suas raízes fixadas em terras campestres no momento de criação da região pertencente aos chamados Campos Gerais.

A justificativa desta proposta começa pelo fato de que não há como negar a presença dos negros e negras na região citada, pois ainda hoje mantém-se em espaços mais afastado famílias descendentes de escravizados e que residem em terras herdadas no período escravista, referência as duas comunidades remanescentes quilombolas situadas em Ponta Grossa, uma denominada de Comunidade Remanescente Quilombola da Colônia Sutil; a outra é chamada de Colônia Santa Cruz.

Sobre o histórico dessas comunidades: Hartung (2005, p.152-153) coloca que a colônia Sutil estava inserida na fazenda Santa Cruz e contava com uma área de aproximadamente 13.000 hectares subdivididos em três partes: Campo da Rocha; Campo da Porta; Campo do Subtil; e foi fruto de uma doação da proprietária de Maria Clara do Nascimento aos seus escravos libertos.

A colônia Sutil fica em uma área rural do município de Ponta Grossa e tem uma história bastante peculiar para ser analisada/pesquisada acerca da sua situação atual, mas infelizmente são poucas as produções historiográfica

¹ Mestra em Linguagem, Identidade e Subjetividades pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Graduada em História Licenciatura pela mesma instituição. E-mail: merylinricisantos@gmail.com

² Orientadora. Mestra em História pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Professora da Rede Estadual de Educação do Paraná. E-mail: jamairajurichp@gmail.com

que tratam de sua existência, em relação à localização desta, segundo Sahr & Tomasi (2012, p.111) situa-se no distrito de Guaragi, área rural do município de Ponta Grossa, na margem direita da PR-151 (Ponta Grossa- Palmeira), mais especificamente no km 15. Já a colônia Santa Cruz situa-se no km 11 da mesma rodovia.

Talvez pareça demasiadamente radical, mas o pensar em uma cidade que possui duas comunidades remanescentes quilombolas em seu perímetro rural e que não preserva isso enquanto um patrimônio local de grande valor histórico faz pensar em tal ato como uma estratégia política semelhante aos antigos processos de branqueamento nacional que invisibilizavam a população negra na historiografia local.

Assim, a presente pesquisa está posta não apenas com o propósito de “preencher” lacunas, mas a fim de compreender o lugar das vivências negras nos espaços de memória locais. Tais locais serão citados aqui como responsáveis pela preservação dos conjuntos documentais que tratam da representação negra em Ponta Grossa e que no futuro podem colaborar para a manutenção de “uma” história negra no município.

As informações sobre abrangência e representação da presença negra nos locais de memória da cidade foram analisadas através da metodologia de pesquisa quantitativa de Minayo; Sanches (1993) e qualitativa Minayo (1994), além da proposta de Ginzburg (1989/1990) que corresponde ao Paradigma Indiciário - a justificativa por essa escolha metodológica esta pautada na necessidade de investigar como a pouca representação/ou não representação da população negra colabora para a exclusão destes sujeitos da historiografia local.

OBJETIVOS

Este estudo teve como objetivo geral realizar uma análise sobre a presença negra em três lugares de memória da cidade de Ponta Grossa (Casa da Memória; Museu Campos Gerais; Fundação Municipal de Cultura), bem como problematizar quais os sinais e indícios acerca da pouca representação ou não representação desta cultura.

Em relação aos objetivos específicos, buscou-se através da visita aos locais de memórias citados, compreender qual é o lugar social da história dos sujeitos negros nos acervos contatados; e ainda fazer indagações, com base em dados quantitativos

e nas informações qualitativas, sobre os possíveis motivos que colaboraram para a representação, ou não representação dos sujeitos negros nos locais de memória visitados.

Além dos objetivos já apresentados, almejou-se perceber qual o espaço dedicado as representações dos sujeitos negros nos monumentos históricos a fim de entender como os processos de memória local influenciam nas construções de identidades negras locais.

REFERENCIAL TEÓRICO

Alguns conceitos teóricos se mostram essenciais para compreensão dos objetivos deste trabalho. O primeiro é definido pelo signo memória que é uma construção social e ideológica que se encontra presente em inúmeras formas de representações.

Entende-se como memória os elementos compreendidos como “ponte” de acesso aos acontecimentos ocorridos, mas que servem de ponto de partida para as situações atuais. As memórias se fazem presentes desde documentos até monumentos, porém com algum valor representativo pra determinado sujeito ou grupo social.

Segundo Japiassú; Marcondes “A memória pode ser entendida como a capacidade de relacionar um evento atual com um evento passado do mesmo tipo, portanto com uma capacidade de evocar o passado através do presente” (2006, p. 183-184).

Ainda compreendida como “[...] Um elemento essencial do que se costuma chamar de identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia” (LE GOFF, 1990, p. 469), a memória traz a tona uma série de lembranças que retomam vivências de um sujeito ou grupo, podendo ser um aparato de grande valor ideológico no processo de construção e reconstrução histórico-social, visto que “[...] A memória coletiva é não somente uma conquista, é também um instrumento e um objeto de poder.” (LE GOFF, 1990, p. 476).

Sendo assim, os lugares de memória devem ser vistos como espaços que preservam os resultados das lutas de poder, pois é através da interação entre história e memória que as relações de poder são evidenciadas, fazendo com que algumas culturas se tornem dominantes e outras dominadas no processo de representação. Com base nessas colocações “Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos

homens.” (LE GOFF, 1990, p. 471)

Os lugares de memória aqui remetidos estão localizados em uma cidade que embora conte com mais de 20% de habitantes negros, se construiu historicamente com base em valores raciais predominantemente brancos.

Ao pensar no processo de representação e valorização de uma raça - conceito utilizado “na dimensão social e política do referido termo” (GOMES, 2005, p. 45) - em detrimento de outra, logo se pode dizer que a comunidade negra inserida na dinâmica social de Ponta Grossa teve seu processo de construção de memória individual e coletivo fragilizado, no sentido de não haver representações significativas deste grupo racial nos lugares de memória citados; porque “[...] A memória coletiva é não somente uma conquista, é também um instrumento e um objeto de poder” (LE GOFF, 1990, p. 476) – poder que a população negra não possui.

São interessantes os processos sociais/ideológicos que definem o que é relevante para as construções de memórias locais, bem como o que não é tão impactante para um sujeito ou comunidade. Ao pensarmos em uma comunidade não representada, ou minimamente representada, logo se faz perceber que “[...] A memória coletiva foi posta em jogo de forma importante na luta das forças sociais pelo poder.” (LE GOFF, 1990, p. 427)

A força social pelo poder pode ser compreendida nesta pesquisa como uma forma de ocultar ou diminuir a presença negra em uma cidade que se define como um local de predominância “europeia”, porém não há como descartar a presença negra em Ponta Grossa; não apenas pelos negros que nela vivem na atualidade, mas ainda pela herança que esses povos deixaram para o município.

Além das comunidades remanescentes quilombolas já elencadas Ponta Grossa conta também com outros espaços de sociabilidades de origem negra, dentre estes estão os terreiros de umbanda, Escolas de Samba, bem como o Clube de pretos e pardos que ainda resiste, sobre esta instituição, tem-se a seguinte informação: “Em treze de maio de 1890, dois anos após a assinatura da Lei Áurea, é fundado o clube literário e recreativo 13 de maio. Seu propósito era o de cultivar e integrar o negro na sociedade[...]” (Diário da Manhã, 15 mar. 1992, p. 06).

No entanto a existência e permanência de tais organizações culturais, sociais ou religiosas não são o suficiente para legitimar a presença dos sujeitos negros no município, pois ainda há quem acredite

que a cidade não contou com uma presença negra no momento de sua criação, mas se assim fosse, como os mais de setenta mil negros adentraram o território campestre em um espaço de tempo tão curto (considerando a idade da cidade)?

Talvez a resposta esteja no fato da memória humana ser composta por elementos que remontam vivências coletivas e individuais, mas que não são invioláveis e isso pode ser analisado nos processos de silenciamento de determinadas memórias ou narrativas. Considerando tal possibilidade, é possível dizer que:

Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva. (LE GOFF, 1990, p. 427)

Analisando as representações da comunidade negra nos lugares de memória de Ponta Grossa, entende-se que “Os lugares de memória são, antes de tudo, restos. A forma extrema onde subsiste uma consciência comemorativa numa história que a chama, porque ela a ignora”. (NORA, 1993, p. 12). Com base nesta concepção, devemos elencar que o processo escravista deixou marcas profundas na história do país e mais ainda no modo de viver dos sujeitos negros, logo, o silenciamento dos lugares de memória acerca da presença negra na região pode ser interpretado como um indício de uma negação acerca deste processo opressor.

Ao considerar que “Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, organizar celebrações, manter aniversários, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque estas operações não são naturais” (NORA, 1993, p. 13), nota-se o quão importante são esses espaços para o processo de construção identitário, até por que na maioria das vezes “O que está em jogo na memória é também o sentido da identidade individual e de grupo” (POLLAK, 1989, p. 3-15).

A relação entre identidade, memória e história é muito próxima quando se pensa no processo de representação ou não representação de determinados sujeitos/culturas em certas esferas sociais. Identidade é uma construção social que se fortalece ou se fragiliza de acordo com a representação histórica que um sujeito ou grupo consegue ao apropriar-se dela. Segundo Stuart Hall a Identidade:

Tem a ver não tanto com as questões “quem nós somos” ou “de onde nós viemos”, mas muito mais com as questões “quem nós podemos nos tornar”, “como nós temos sido representados” e “como essa representação afeta o modo como nós podemos representar a nós próprios”. (HALL, 2007, p. 109)

A identidade é o que determina em quais grupos sociais os sujeitos estarão/sentirão inseridos. Não é algo pré-definido, cristalizado ou unitário.

Assim, a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo “imaginário” ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre “em processo”, sempre “sendo formada”. (HALL, 2005, p. 38-39)

O processo de formação de identidade não é unilateral, pois se constrói através da interação entre os sujeitos, suas vivências, meio e o “outro”; e pode ser considerado um processo de afirmação e diferenciação, pois se firma no ideal de semelhanças e diferenças contínuas entre um sujeito/grupo e outros sujeitos/grupos.

As afirmações sobre diferença também dependem de uma cadeia, em geral oculta, de declarações negativas sobre (outras) identidades. Assim como a identidade depende da diferença, a diferença depende da identidade. Identidade e diferença são, pois, inseparáveis. (SILVA, 2000, p. 75)

O sentido de diferença nessa pesquisa está imbricado na ideia de negros e brancos, representados e não representados, memórias individuais e coletivas.

O atual trabalho é uma produção analítica que busca entender como os lugares de memória localizados na cidade de Ponta Grossa corroboram para a pouca divulgação de uma realidade negra em suas dependências; e o ponto de problematização é compreender como a não representação ou pouca representação racial negra colaboram para a construção de identidade negras fragilizadas.

No Brasil as identidades negras fragilizadas podem ser observadas através das pesquisas realizadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) que retratam a realidade negra no país. O ato de se declarar pertencente ao grupo racial negro, que segundo o IBGE corresponde as categorias de Preto ou Pardo é mais do que uma escolha, é um processo de afirmação identitário, um modo de dar visibilidade a raça negra e isso tem sido cada vez mais frequente no país, visto que o mesmo conta com

uma população de mais de 50% de negros em seu território.

A autodeclaração é vista muitas vezes como um momento de conflito não apenas externo, visto que muitas pessoas não compreendem o que é de fato preto ou pardo, mas além de tudo um conflito interno, pois a sociedade brasileira foi construída com base no discurso harmônico de miscigenação, logo o sujeito pardo é visto até a atualidade como fruto dessa mistura de raças.

Antes de colocar qualquer outra descrição ou conceito acerca das relações raciais, faz-se necessário considerar que negro “[...] É uma construção social, é uma identificação que não é exatamente a cor da pele.” (LUCIA, 2009, p. 1) E assim, pode-se dizer que:

A identidade negra é entendida, aqui, como uma construção social, histórica, cultural e plural. Implica a construção do olhar de um grupo étnico/racial ou de sujeitos que pertencem a um mesmo grupo étnico/racial, sobre si mesmos, a partir da relação com o outro. (GOMES, 2005, p.43)

Embora Gomes defina identidade negra no singular, é interessante pensarmos na pluralidade étnica presente no universo negro, pois cada sujeito/comunidade negra possui suas características físicas e culturais que os definem enquanto ser individual ou coletivo.

Assim, como em outros processos identitários, a identidade negra se constrói gradativamente, num movimento que envolve inúmeras variáveis, causas e efeitos, desde as primeiras relações estabelecidas no grupo social mais íntimo, no qual os contatos pessoais se estabelecem permeados de sanções e afetividades e onde se elaboram os primeiros ensaios de uma futura visão de mundo. Geralmente este processo se inicia na família e vai criando ramificações e desdobramentos a partir das outras relações que o sujeito estabelece. (GOMES, 2005, p.43)

De um lado pode-se afirmar que há nichos específicos e até propícios para construções de identidades negras, por outro lado há questões políticas e ideológicas que contribuem para retardar cada vez mais esse processo, referência a herança das políticas de embranquecimento brasileiras criadas no início do século XX e que ecoam na atualidade.

O pensar no processo de construção da nação brasileira enquanto um país onde se perpetua um discurso de que os signos preto, moreno, mulato, cafuso ou pardo são sinônimos deve ser visto como um alerta para as forma de olhar as diversidades raciais na atualidade.

Outro aspecto que deve ser repensado volta-se para as formas de representações dos sujeitos negros, pois sabemos que:

Construir uma identidade negra positiva em uma sociedade que, historicamente, ensina aos negros, desde muito cedo, que para ser aceito é preciso negar-se a si mesmo é um desafio enfrentado pelos negros e pelas negras brasileiros(as) (GOMES, 2005, p.43).

E partindo desta perspectiva que o atual trabalho ganhará forma, pois as análises serão elaboradas a fim de perceber de que modo os lugares de memória situados em Ponta Grossa podem ser vistos como um espaço que representa sua população negra. Busca-se no decorrer das próximas laudas problematizar essa questão.

REFERENCIAL METODOLÓGICO

O conjunto metodológico utilizado nesta pesquisa se constitui na perspectiva de buscar através da metodologia quantitativa proposta por Minayo; Sanches (1993) e qualitativa Minayo (1994) quais os sinais e indícios encontrados nos Lugares de Memória de Ponta Grossa que contribuem para uma “ocultação” ou representação limitada da história dos negros e negras na cidade.

Em relação à busca pelas pistas, detalhes e “rastros”; este estudo terá também como contribuição os aportes metodológicos sugeridos pelo Paradigma Indiciário de autoria de Carlo Ginzburg (1989/1990).

As pesquisas quali-quantitativa estão postas a fim de integrar dados e a realidade social analisada, pois ao mesmo tempo em que a mostra quantitativa “[...] tem como campo de práticas e objetivos trazer à luz dados, indicadores e tendências observáveis.” (MINAYO; SANCHES, 1993, p.247), o método qualitativo busca problematizar os dados/fatos dentro do processo de interação social. Minayo (1994, p.21-22) esclarece que “A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa [...] com um nível de realidade que não pode ser quantificado”; porém pode ser problematizado.

A integração entre uma realidade “numérica” (pesquisa quantitativa) e âmbito social (pesquisa qualitativa) será permeada pela proposta investigativa do Paradigma Indiciário que irá direcionar as análises para os mais variados campos de possibilidades acerca da relação entre os lugares de memória, questões políticas e população negra Ponta-grossense.

Sobre o Paradigma Indiciário, pode-se dizer que se insere em uma proposta metodológica que se atém a indícios, sinais, pistas e rastros presentes em determinadas esferas sociais; desta maneira, as análises seguintes serão pensadas como uma constante “Reconstrução analítica da intrincada rede de relações microscópicas que todo produto artístico, mesmo o mais elementar, pressupõe.” (GINZBURG, 1989, p.24)

Ginzburg desenvolveu uma forma de trabalho que valoriza também os pequenos acontecimentos. Em relação à definição deste método, podemos dizer que é o “Conjunto de princípios e procedimentos que contém a proposta de um método heurístico centrado nos detalhes, nos dados marginais, nos resíduos tomados enquanto pistas, indícios, sinais, vestígios ou sintomas.” (RODRIGUES, 2006, p.5)

A escolha pela utilização do Paradigma Indiciário volta-se para a necessidade de olhar para a ausência ou presença limitada de determinadas fontes correspondentes à história dos sujeitos negros nos lugares de memória local. Porém, é preciso informar que o objetivo deste estudo não é apontar falhas no processo de organização de coleções documentais referente aos sujeitos negros, tampouco desconsiderar o fato de que há pouca produção historiográfica sobre estes sujeitos na cidade, mas pensar em quais os indícios políticos, sociais e culturais que puderam levar a uma não representação da história negra nos locais de memória em questão.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os locais visitados foram: Casa da Memória de Ponta Grossa, Museu Campos Gerais e Fundação de Cultura. A cidade não conta com muitos acervos documentais públicos e os locais de memória citados contam com poucas fontes que remetem a presença negra na cidade.

O primeiro local contatado foi à Casa da Memória Paraná, localizada na região central de Ponta Grossa, na Rua Benjamin Constant, número 318. Tal espaço foi inaugurado para fins de pesquisas no ano de 1995,

A instituição tem como objetivo central atuar como um centro de documentação, efetuando guarda, conservação, organização e disponibilização de acervo variado, tratando principalmente da história local, dos Campos Gerais e do Paraná. (Prefeitura Municipal de Ponta Grossa, p.1)

Em relação aos documentos disponíveis sobre a presença negra na cidade neste espaço, pode-se dizer que estão relacionados às vivências negras no Clube Treze de Maio, um processo de sepultamento de uma escravizada negra e a alguns registros históricos sobre a Comunidade Remanescente Quilombola da Colônia Sutil, além de cópias impressas simples de jornais com anúncios de compra, venda, contratação e procura de escravizados foragidos.

ACERVO DA CASA DA MEMÓRIA DE PONTA GROSSA

Local	Gênero do Documento	Autor	Ano e detalhes	Título
Casa da Memória	Imagens	- Não registrado	5 Fotos sem data	Imagens – Fazenda Sutil, moradores e Igreja São Benedito
Casa da Memória	Documento de Sepultamento	- Cemitério Municipal do Largo São João	1888 a 1889 – 79 registros - 2 Negros	Autorização de Sepultamento Gratuito
Casa da Memória	Certidão de óbito	- Província de Ponta Grossa	1889, 21 certificados – 1 Negro	Certificado de óbito de Ponta Grossa (Constância, 70 anos, africana)
Casa da Memória	Cópias simples de Jornal - Reedição	- Jornal 19 de Dezembro	1855 – 1858, Vários anúncios	Anúncios de compra/venda/contrato e procura de escravos
Casa da Memória	Imagens	- Não registrado	52 Fotos de diferentes datas	Clube Treze de Maio
Casa da Memória	Documento de sócios do Clube	- Diretoria do Clube	1977, 1979, 1981 - 3 documentos	Carteira de associados do Clube
Casa da Memória	Documento do Diretor do Clube	- Secretária do Clube	1979	Carteira de membro da diretoria do Clube
Casa da Memória	Cópia simples do Estatuto da instituição	- Membros da Diretoria do Clube	1920, 5 páginas	Estatuto do Clube negro
Casa da Memória	Cópia simples – Nota no diário oficial	- PMPG	1975	Sociedades: Reforma no Estatuto do Clube 13 de Maio
Casa da Memória	* Jornal	- Alunos do 5º e 6º período do curso de Jornalismo da UEPG – Jornal “O Cobaia”	Sem data/ 1 página	Notícias: - Todo dia é 13 de Maio - Candomblé, cultura e religião
Casa da Memória	Jornal	- Não registrado	1936, 1 página com cinco imagens	Acadêmicos de jornalismo fotografam Clube 13 de Maio

Fonte: Casa da Memória – Ponta Grossa

O segundo local visitado corresponde ao Museu Campos Gerais, situado na Rua Engenheiro Schamber, número 686 - Centro. Neste espaço encontram-se oito livros que abordam a temática racial negra e a escrita literária é predominante, pois os registros históricos são pouco evidenciados. Além dos livros o Museu conta com um conjunto de pastas que guardam documentação referente a alguns escravizados da região e poucas cópias de produções bibliográficas sobre questões raciais negras. Os documentos são assim organizados.

ACERVO MUSEU CAMPOS GERAIS

Local	Gênero do Documento	Autor	Ano e detalhes	Título
Conjunto com 8 pastas: Denominado: Documentação Escravos				
Museu Campos Gerais	Jornal Nicolau-Reportagem	- Adélia Maria Lopes	Sem Data/ Rg: 1687, 1 página	Os Negros dos Campos Gerais
Museu Campos Gerais	Escritura da compra de escravo	- Desconhecido - Doado por Clotilde Silva Malisz Filha	1878, 4 páginas	Escritura da compra de escravo na fazenda próxima ao Faxinal dos Mineiros
Museu Campos Gerais	Recibo de compra de um escravo	- Desconhecido - Doado pelo Departamento de História (1970)	1861, 3 páginas	Recibo de compra de 1 escravo de 4 anos
Museu Campos Gerais	Transcrição da frase de uma carta	- Desconhecido - Rg: 4364 - UEPG	Sem data, Duas linhas	Frase: "Estes homens tinham raça – Eles eram negros como muitos outros que a História esconde."
Museu Campos Gerais	Revista temática	- Editora Abril	Sem Data, 14 páginas	A História de Zumbi dos Palmares
Museu Campos Gerais	Declaração de Extinção da Escravidão no Brasil	- Governo do Brasil – Decreto da Princesa Isabel	1981, 1 página	Lei Áurea nº 3.353
Museu Campos Gerais	Cópia simples de texto	- Otávio Ianni	1961, 19 páginas	As Metamorfoses do Escravo
Museu Campos Gerais	Cópia simples de jornal	- Autor desconhecido - Jornal Diário dos Campos	1940, 1 página	Escrava Felícia de Oliveira e a visita de D. Pedro II em Ponta Grossa
Museu Campos Gerais	Cópia simples de texto	- Oney Barbosa Borba	Sem Data/ Rg: 4862, 3 páginas	Escravos negros dos Campos Gerais
Álbuns sobre a história da cidade (3)				
Álbuns que aparecem a presença negra (1)				
Museu Campos Gerais	Álbum de fotos	- Município de Ponta Grossa	1976, 264 páginas – 1 foto de um Clube Negro	Álbum de Ponta Grossa 1976
Pesquisa				
Museu Campos Gerais	Trabalho de Conclusão de Curso	- Abdala, Bueno, Mizerkowski, Nadvorny, Schendroski, Travagim.	1982, 108 páginas	Os negros de Socavão
10 Livros, sendo 2 Livros de Imagens:				
Os livros que possuem representação negra são os listados a seguir				
Museu Campos Gerais	Livro	- Francisco Lothar Paulo Lange	1994	Guartelá, História, Natureza, Gente.
Museu Campos Gerais	Livro	- Francisco Lothar Paulo Lange	2002	Campos Gerais, Visões do Paraíso

Museu Campos Gerais	Livro	- Isolde Maria Waldmann	1990	Fazenda Santa Cruz dos Campos Gerais e a Colonização Russa 1792-1990
Museu Campos Gerais	Livro	- Márcia Elisa de Campos Graf	1981	Imprensa Periódica e escravidão no Paraná
Museu Campos Gerais	Livro	- Maria Lourdes Osternach Pedroso	1940	De Como Aconteceu – Um mergulho na História dos Campos Gerais
Museu Campos Gerais	Livro	- Guísela Velêda Frey Chamma	2007	Os Campos Gerais, uma outra História
Museu Campos Gerais	Livro	- Maria Aparecida Cezar Gonçalves - Elisabete Alves Pinto	1983	1823-1923 Ponta Grossa, um século de vida
Outras Fontes				
Museu Campos Gerais	Revista – Centro de Estudos Africanos 4.1981	- Francisco V. Luna - Iraci D.N da Costa	1981, 8 páginas	África – Nota Sobre Casamento de Escravos (1727 -1826)
Museu Campos Gerais	Informativo sobre a Cidade	- Desconhecido	1930, 3 páginas	Catálogo de estabelecimentos comerciais, teatros, hotéis e Clubes de Ponta Grossa

Fonte: Museu Campos Gerais – Ponta Grossa

O terceiro e último local visitado foi a Fundação Municipal de Cultura, localizada na Rua Júlia Vanderlei, número 936, e lá se encontra o processo de tombamento do Clube Treze de Maio. Esta fonte é de 2001 e reúne uma série de documentos sobre a instituição negra, o que faz pensar na influência desta instituição no processo de representação da população negra na cidade de Ponta Grossa.

Segue os detalhes sobre o processo de tombamento:

Local	Gênero do Documento	Autor	Ano e detalhes	Título
Fundação Municipal de Cultura e Turismo	Processo de Tombamento	- COMPAC	2001, 178 páginas	Processo de Tombamento nº: 01/2001 – Clube Treze de Maio

Fonte: Fundação Municipal de Cultura – Ponta Grossa

Ao realizar a contagem dos documentos encontrados nos locais de memória, constatou-se que a Casa da Memória conta com 57 fotos referente aos sujeitos negros moradores da Comunidade Remanescente Quilombola da Colônia Sutil e também de atividades sociais realizadas no Clube Treze de Maio. Além de 1 certidão de óbito de uma senhora negra, 2 autorização de sepultamento gratuito para dois negros, cópias de jornais sobre questões raciais, Reedição em formas de cópias de séries jornalística que evidenciam em

alguns momentos a presença negra, cópia de uma nota oficial, cópia do Estatuto do Clube Treze de Maio, cópia de documentos pessoais de membros do Clube, bem como mais dois recortes de jornais que tratam da instituição negra.

Sobre as fontes disponíveis no Museu Campos Gerais, foram encontrados um conjunto com 8 pastas que guardam alguns documentos sobre o período escravista da cidade e que preservam reportagens sobre os sujeitos negros, recibo de compra de escravos, declaração de extinção da escravidão, revista temática, frase de uma carta, e também a cópia de duas bibliografias sobre estudos negros. Além desses documentos, Museu Campos Gerais conta com 1 imagem do Clube Treze de Maio em um álbum, um trabalho de Conclusão de Curso sobre os negros do Socavão, 7 livros que possuem representação negra, um informativo sobre a cidade que apresenta o Clube Treze de Maio, uma revista que trata Sobre Casamento de Escravos.

O outro lugar que guarda alguns elementos que remetem ao processo histórico da cidade de Ponta Grossa e que fora contatado, foi a Fundação Municipal de Cultura, neste espaço encontra-se o Processo de Tombamento do Clube Treze de Maio, fonte que reúne uma série de outros documentos que descrevem as características da instituição negra através da reconstrução da história do Clube.

Após visitar os locais de memória citados e fazer o levantamento de fontes que registram a presença negra na cidade, pode-se dizer que dos três locais citados, o que mais conta com documentos sobre esta temática foi o Acervo do Museu Campos Gerais.

É interessante pensar no processo de busca por esses locais, pois ao se deparar com a baixa quantidade de fontes, sentiu-se a necessidade de buscar por mais locais de memória, mas antes de fazer isso, optou-se em problematizar quais as formas de representações negras nos locais de memória contatados.

O Museu Campos Gerais conta com fontes de diferentes gêneros, sendo livros o predominante. Os livros disponíveis no Museu sobre a temática negra são 7, mas destes, apenas 2 tratam exclusivamente de questões negras – intitulados Fazenda Santa Cruz dos Campos Gerais e a Colonização Russa 1792-1990 (WALDMANN, 1990); Imprensa Periódica e escravidão no Paraná (GRAF, 1981), os outros são mais abrangentes e fazem uma ou outra menção aos sujeitos negros e suas culturas, através de breves relatos ou contos.

Considerando que as outras fontes disponíveis no Museu Campos Gerais já foram descritas, sente-se a necessidade de problematizar os indícios acerca das formas de representações negras neste lugar de memória.

Como já elencado, o Museu Campos Gerais conta com um conjunto de pastas que comportam documentos sobre escravizados e das 8 fontes, apenas 2 referem-se aos negros enquanto sujeitos livres – uma corresponde a uma reportagem da página do Jornal Nicolau que conta a história de uma senhora negra que relembra a visita de D. Pedro II a Ponta Grossa quando ainda era escravizada; e a outra é sobre uma frase retirada de uma carta - em contraponto, as outras 6 fontes correspondem ao processo escravista.

O próprio título das fontes pode ser visto como um sinal de enquadramento dos negros enquanto escravos, pois são assim descritos: Escritura da compra de escravo na fazenda próxima ao Faxinal dos Mineiros; Recibo de compra de um escravo de 4 anos; A História de Zumbi dos Palmares; Lei Áurea nº 3.353; As Metamorfoses do Escravo; Escrava Felícia de Oliveira e a visita de D. Pedro II em Ponta Grossa; Escravos negros dos Campos Gerais.

O que pode ser observado através da colocação dos termos empregados na nomenclatura das fontes é que há (embora em pouca quantidade) uma representação da presença negra em Ponta Grossa no Museu Campos Gerais, porém, essa representação volta-se predominantemente para os negros enquanto escravos e não enquanto sujeitos e isso fica mais evidente no processo de denominação do conjunto das 8 pastas analisadas, pois o título do material é assim construído: Documentação **Escravos** (grifo da autora). Talvez soasse melhor “Documentação processo Escravista” ou “Documentos sobre sujeitos negros escravizados” e até “Documentos sobre a presença negra em Ponta Grossa/Paraná”.

O contraponto do argumento aqui utilizado pode estar no fato de que os documentos disponíveis sobre sujeitos negros neste local de memória estão registrados como Escravos dentro de um processo histórico autorizado, pois no momento de produção de tais fontes esses sujeitos eram vistos/considerados Escravos, mas a questão é que na atualidade já não são mais, e a história mudou, desta forma, o ato de manter tal termo enquanto uma denominação natural em pleno 2016 é colaborar para que a associação negro/Escravo seja constante.

O fato é que a identidade negra encontra-se em processo de positivação e valorização do “ser

negro” e quanto menos evidenciados os sinais que remontam a fragilidade negra imposta pelo período escravista, melhor para as (re) construção das representações negras em todas as esferas sociais. Longe de buscar ocultar o processo histórico, mas evitar naturalizar a situação dos negros enquanto propriedade, subalternos ou até mesmo passivo.

O Acervo da Casa da Memória conta com muitos documentos sobre a presença negra na cidade e o que predomina são as imagens sobre vivências negras. Pensando do processo de representação negra como um elemento de valorização ou desvalorização das identidades afro-brasileiras, os documentos disponíveis neste espaço, se diferenciam de certa forma dos documentos disponíveis no Museu Campos Gerais.

A Casa da Memória conta com imagens de sujeitos negros na Comunidade Remanescente Quilombola da Colônia Sutil e do Clube Treze de Maio; isso pode ser visto como um indício de uma representação dos negros enquanto sujeitos, comuns e que estão representados dentro de situações cotidianas, ou seja, dentro do que Cláudia Santos (2010) define como normalidade. A autora compreende como normalidade o “Lugar em que a negritude importa como experiência [...]” (SANTOS, 2010, p.1) e isso é um direito da população negra, por este motivo Santos faz alguns apontamentos sobre o Direito a Normalidade enquanto algo de suma importância para as representações negras.

E assim, pode-se considerar que “A representação está ligada diretamente à possibilidade de existir. Se não pudemos nos ver como somos, não existimos.” (SANTOS, 2010, p.2).

E pensando na forma de classificação dos documentos, ou até mesmo no gênero das fontes encontradas na Casa da Memória, é possível fazer uma relação entre negros na condição de escravo e negros nas condições de sujeitos, e a condição de sujeito foi percebida em mais de um documento neste local, através de sinais descritos enquanto signos/palavras registrados nos documentos de Autorização de Sepultamento Gratuito, o qual contava com o nome de dois sujeitos negros, e em um Certidão de óbito de uma senhora africana de setenta anos de idade chamada de Constância e classificada como preta.

Sobre o documento que atesta o óbito da africana Constância, o fato de a mesma ser descrita como preta e não na condição de escravizada, certamente está relacionado ao período em que a morte ocorreu, em junho de 1889, um ano após a abolição da escravidão no país.

Além de cópias de jornais com anúncios de escravizados, os outros documentos encontrados na Casa da Memória são majoritariamente vinculados ao Clube Treze de Maio e é interessante pensar nesta representação como uma forma de reconstruir olhares acerca dos sujeitos negros. Este lugar de memória conta com o Estatuto do Clube, carteiras dos membros da instituição e reportagens sobre esta instituição, o que contribui para a construção de uma imagem para os sujeitos negros enquanto homens livres, frequentadores de uma sociedade recreativa, membros de um Clube Literário.

O outro local contatado e que ainda não fora problematizado, foi a Fundação Municipal de Cultura, e neste o Clube Treze de Maio é o único elemento referente a Cultura negra em Ponta Grossa, não há outros documentos sobre as comunidades remanescentes quilombolas, como há nos outros dois locais de memória visitados.

De certo modo, o Processo de Tombamento disponível na Fundação Municipal de Cultura pode ser considerado um indício de uma abertura de espaço para uma história negra na cidade, pois o Clube é de 1890 e ainda resiste; e embora tarde, a instituição passa a ser tombada enquanto Patrimônio Municipal no ano de 2001.

Ao pensar que na relação entre patrimônio, memória e identidade, pode-se compreender que:

[...] transformar objetos, estruturas arquitetônicas e estruturas urbanísticas em patrimônio cultural significa atribuir-lhes uma função de “representação”, que funda a memória e a identidade. (...) Os patrimônios são, assim, instrumentos de constituição de subjetividades individuais e coletivas, um recurso à disposição de grupos sociais e seus representantes em sua luta por reconhecimento social e político no espaço público (GONÇALVES, 2002, p. 121-122).

O Processo de Tombamento aqui tratado evidencia o Clube enquanto símbolo da luta dos sujeitos negros por uma representatividade, e também remonta algumas memórias e histórias de vida particulares destes fundadores.

Após a busca por documentos referente aos negros em Ponta Grossa, é pertinente dizer que os três locais visitados contam com indícios desta presença na cidade, porém, não há muitos sinais que remontem de forma contínua a história destes sujeitos, suas origens ou sobrenomes. Certamente pela condição de cativos em que vieram parar na cidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os locais de memória contatados seguiram uma linha temática sobre a representação negra na cidade, visto que o Clube Treze de Maio e a Comunidade Remanescente Quilombola da Colônia Sutil foram as fontes mais encontradas. É interessante pensar no recorte temporal também, pois o Clube Treze de Maio é uma instituição que encontra-se ativa e a comunidade quilombola remanescente da Colônia Sutil constantemente é objeto de estudo e pesquisas acadêmicas.

O que se tenta explicar é que talvez o fato de uma maior quantidade de fontes acerca destas duas comunidades pode estar relacionado ao período em que foram produzidas, bem como serem propostas recentes de estudos.

Algo que pôde ser observado foi o processo de catalogação dessas fontes, pois na Casa da Memória havia uma organização prévia destes documentos, enquanto nos outros dois locais a busca foi mais delicada, pois os profissionais precisaram procurar um pouco mais para encontrar os materiais sobre esta temática.

Outro aspecto que pode ser problematizado é o papel dos acervos particulares enquanto agentes responsáveis pela não representação negra nos locais de memória da cidade, pois nos três locais visitados foi comum ouvir que seus coordenadores já solicitaram aos responsáveis por alguns acervos particulares a liberação temporária de fontes de qualquer natureza sobre a cultura negra na cidade, para que possam construir um corpo documental que trate dos sujeitos negros não apenas durante o processo escravista.

Este artigo buscou realizar uma análise sobre a presença negra em três lugares de memória da cidade de Ponta Grossa. Pode-se perceber que há presença negra nos lugares de memórias contatados e que os sinais e indícios acerca da pouca representação desta cultura está associado a questões culturais e históricas. E assim, pode-se dizer que o lugar social da história dos sujeitos negros nos acervos contatados são representados, em grande parte, na condição de escravos, o que sem dúvida contribui para que as identidades negras locais se fragilizem, pois a representação negra positiva é minoritária.

Esta pesquisa alcançou os objetivos propostos, no sentido de olhar para os lugares de memória da cidade, porém, almejava-se ainda elencar sobre as representações dos sujeitos negros nos monumen-

tos históricos a fim de entender como os processos de memória local influenciam nas construções de identidades negras locais e isso não foi possível, pois a cidade não possui monumento histórico que valorize/eternize a cultura negra local.

E com base neste indício, finaliza-se esta pesquisa com propósito de pensar em novos modos de buscar representações negras na cidade de Ponta Grossa, a fim de considerar as vivências negras enquanto um processo de emancipação racial dos sujeitos pretos e pardos.

Deste modo, a presente pesquisa não está encerrada, mas aberta a uma busca mais refinada por fontes em espaços não oficiais de memória, que são zonas privilegiadas de significações individuais e coletivas.

REFERÊNCIAS

GINZBURG, Carlo. **Mitos, Emblemas, Sinais: morfologia e história.** São Paulo: Cia das Letras, 1989.

_____. **Sinais: raízes de um paradigma indiciário.** In Mitos, Emblemas, Sinais. São Paulo: Cia. das Letras, 2003, p.143 -179.

_____. **Indagações sobre Piero: o Batismo – o Ciclo de Arezzo – a Flagelação.** Tradução de Luiz Carlos Cappellano. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989, p. 24.

GOMES, Nilma Lino. **Alguns Termos E Conceitos Presentes No Debate Sobre Relações Raciais No Brasil: uma Breve Discussão.** 2005. Disponível em: <http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/10/Alguns-termos-e-conceitos-presentes-no-debate-sobre-Rela%C3%A7%C3%B5es-Raciais-no-Brasil-uma-breve-discuss%C3%A3o.pdf> 23/01/2017.

GONÇALVES, José Reginaldo dos Santos. **Autenticidade, Memória e Ideologias Nacionais: O problema dos patrimônios culturais.** Estudos Históricos. Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, 1988, pp. 264-275.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural Na Pós-Modernidade.** 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

_____. Quem precisa de Identidade? In:

SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. 7ª Edição. Petrópolis, RJ. Vozes, 2007. p. 103-133.

HARTUNG, Mirian Furtado. **Muito além do céu: escravidão e estratégias de liberdade no Paraná do século XIX**. Disponível em: <http://revistatopoi.org/numeros_anteriores/Topoi%2010/topoi10a5.pdf>. Acesso em: 10/02/2017.

JAPIASSÚ, Hilton & MARCONDES, Danilo. **Dicionário Básico de Filosofia**. 4ª. atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

LE GOFF, Jacques. **História e memória / Jacques Le Goff**; tradução Bernardo Leitão ... [et al.] -- Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990. (Coleção Repertórios)

LÚCIA, Ana. **Negro é uma construção social, afirma especialista do IBGE**. Disponível em: <http://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2009-09-27/negro-e-uma-construcao-social-afirma-especialista-do-ibge> Acesso em 20/02/2017.

MINAYO, M. C. S. & SANCHES, O. **Quantitativo-Qualitativo: Oposição ou Complementaridade?** Cad. Saúde Públ., Rio de Janeiro, 9 (3): 239-262, jul/set, 1993.

MINAYO, Maria Cecília de S. (Org.). **Pesquisa social: teoria método e criatividade**. 17ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. 80 p.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Projeto História. São Paulo: PUC-SP. N° 10, p. 12. 1993.

OLIVEIRA, Paulo. **Clube Treze de Maio**. Diário da Manhã, Ponta Grossa, 15 mar. 1992. Eventos sociais. p.6.

PMPG, Prefeitura Municipal. **Casa da Memória Paraná**. Disponível em: <http://www.pontagrossa.pr.gov.br/casamemoria>. Acesso em: 05/02/2017.

POLLAK, Michael. **“Memória, esquecimento, silêncio”**. In: Estudos Históricos, 2 (3). Rio de Janeiro, 1989.

RODRIGUES, Márcia (Org.). **Exercícios de Indiciarismo**. Vitória: Programa de História Social das Relações Políticas da UFES, 2006. (Coleção Rumos da História).

SANTOS, Cláudia. **Racismo, Comunicação e Educação. GELEDÉS – Instituto da Mulher Negra. Palestra**. 2010. Disponível em < <http://www.geledes.org.br/a-princesa-e-o-sapo-um-conto-de-fadas-sobre-comunicacao-educacao-e-racismo/>> Acesso em: em: 18/01/2017.

SAHR. Cicilian Luiza Loüen. TOMASI, Tomasi. **Espacialidades e interações sociais: A agência de redes na “Festa do Padroeiro Bom Jesus” Da comunidade Quilombola de Santa Cruz**. UEPG. Ponta Grossa 2012.

SILVA, Tomaz Tadeu. **A produção social da identidade e da diferença**. In: SILVA, TomazTadeu (org. e trad.). Identidade e diferença . Petrópolis, vozes, 2000.